

**Merecemos
viver a
plenitude
da economia
de mercado**

Os freios que o governo impõe à economia brasileira não estão, em absoluto, criando benefícios. Pode-se pensar, em um primeiro

momento, que o congelamento de preços se traduz em benefícios para o bolso do consumidor. Mas o que adianta congelar hoje para não termos quase nada nas prateleiras amanhã? Não há dúvida de que caminhamos para o risco de uma quebraadeira em cascata, se o governo continuar com sua fúria legislante, sem atacar a causa fundamental do processo inflacionário — exagerada expansão das emissões de moeda. Nos últimos 12 meses, chegamos ao absurdo índice de mais de 1000% de expansão monetária. A Argentina passa a ser uma possibilidade não muito longínqua para a realidade brasileira.

Ao contrário do que as políticas governamentais vêm provocando — ameaça de recessão, expansão estatizante, com crescente intervenção do Estado na atividade econômica — a única saída para a crise brasileira está na expansão do sistema produtivo. Precisamos de uma urgente retomada dos investimentos. Não é punindo a produção que iremos colocar 150 milhões de brasileiros no mercado de consumo.

Uma inflação em ritmo de crescimento acelerado, um governo sem linhas mestras, fragmentado, sem credibilidade, empresas em processo de enfraquecimento e salários insuficientes são o fermento da instabilidade social. Mas será que a liberação total da economia não conduzirá a uma inflação extraordinariamente alta? É possível, realmente, que, num primeiro momento, o processo inflacionário se acelere — mas, ao final de uma experiência de liberalização, o mercado encontrará mecanismos de ajustes.

E, com um trabalho de conscientização, deverão ser feitos apenas os ajustes absolutamente necessários para que o sistema produtivo encontre as bases de um crescimento auto-sustentado.

Atende-se, ainda, para a especificidade de alguns setores da economia. A indústria de alimentos, por exemplo, trabalha dentro de um ciclo de produção demorado, na medida em que suas matérias-primas obedecem a uma sazonalidade. Precisa, portanto, de prazos razoáveis para normalizar a produção, pelo que exige regras claras e a garantia de que não será castigada pelo governo, por carregar em sua composição os elementos da chamada cesta básica.

Chegou a hora do choque de liberdade. Não podemos mais viver sob ameaças. Não queremos ser punidos pelas mazelas nacionais. É imprescindível estancar a sangria da emissão de moeda. Merecemos, depois de tantas experiências nefastas, viver a plenitude de uma economia liberal de mercado. Precisamos, finalmente, fazer respeitar a Constituição brasileira, que consagra os princípios da livre iniciativa.

2 — O ESTADO DE S. PAULO

□ **ESPAÇO ABERTO**

Um choque de liberdade

EDMUNDO KLOTZ



Quando um carro cai num atoleiro, é pouco provável que saia do lugar, mantido o pé no fundo do acelerador. Quanto mais se acelera, mais profundos serão os sulcos feitos pelas rodas. O carro só se movimenta se for sub-

metido a uma técnica diferente. Assim é o Brasil. Os sucessivos planos de congelamento, de efeitos benéficos passageiros, têm provocado profundos sulcos na economia.

A equação-mor da economia gira em torno da relação salários/preços. O assalariado precisa manter em evolução, ou em situação estável, o seu poder de compra, a fim de garantir condições de subsistência e ter o equilíbrio necessário para cumprir, de maneira eficaz, sua cota de trabalho. A manutenção dos padrões salariais depende, evidentemente, da saudabilidade financeira das empresas, para poder pagar bem, as empresas precisam de resultados positivos, praticando preços que lhes possibilitem uma margem de lucros mínima.

Em economia verdadeiramente aberta, que estimule a livre competição, os preços oscilam ao sabor da relação oferta/demanda. Os consumidores exercem o legítimo poder de determinar oscilações de preços, funcionando, desta forma, como eficiente termômetro da economia, ditando mecanismos de expansão do sistema da livre iniciativa.

Infelizmente, esse não é o caso do Brasil. Desequilibrando a equação de vitalidade da economia de mercado, está a entidade governamental, com seus monstruosos problemas: monumental déficit público, gigantesca dívida externa, imensa estrutura burocrática, máquina estatal lerda, paralisante, tocada por caudaloso batalhão de mais de dois milhões de funcionários públicos.